

A CRISE E PRESIDENCIAIS NA FRANÇA: UMA SOCIEDADE DIVIDIDA ENTRE O VOTO DE ADESÃO, PROTESTO E REJEIÇÃO

The crisis and Presidential in France: a society divided between the vote of accession, protest and rejection.

Vincent Furlan

Institut d'Économie Scientifique et de Gestion (IESEG)

✉ vincent.furlan@ieseg.fr

Aline Burni

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

✉ alineburni@gmail.com

Resumo: No dia 6 de maio de 2012 os franceses optaram por eleger pela segunda vez sob a V^a República, um presidente socialista: François Hollande. O artigo aborda as eleições na França desse ano considerando as fortes turbulências que atingem o país há cinco anos e que radicalizaram as opiniões, pairando sobre essa crise europeia, em que o equilíbrio da sociedade francesa parece ser cada vez mais instável. O texto levanta se as eleições de 2012 serão, então, uma resposta à questão « a França pretendeu mudar apenas sua representação ou pretende também modificar sua orientação política? ».

Palavras-chaves: eleições; França, crise; orientação política.

Abstract: On the 6th of May 2012 the French people chose for the second time under the Vth Republic another socialist president: François Hollande. The article discusses the elections in France this year considering the strong turbulence that affects the country from 5 years now has radicalized the opinion, hovering over the European crisis, in which the balance of the French society seems to be more and more threatened. The text draws if the 2012 elections will then be the answer to the question « does France intend to change its representation only or does it also intend to change its political orientation? ».

Key words: elections; France; crisis; political orientation.

Em uma disputa eleitoral relativamente acirrada, em que a diferença dos resultados obtidos pelos principais candidatos foi muito próxima, mas cujas pesquisas de opinião o apontavam como favorito desde o início da campanha, François Hollande foi eleito no último dia 6 de maio Presidente da República Francesa, com 51,7% dos votos válidos no segundo turno.

Com a Europa em crise econômica, social e moral, as eleições atípicas, com elementos muito peculiares – a começar pela realização das primárias socialistas estendida à participação de todos os cidadãos interessados, sem a necessidade de ser filiado ao partido –, obtiveram um resultado típico no Velho Continente desde a chegada da crise: nenhum líder governista conseguiu manter-se no poder até o presente momento. Se na Espanha, em Portugal e na Grécia o caminho foi a direita, no caso da França a opção foi o Partido Socialista (PS).

Evidentemente, a eleição do sétimo presidente da Vª República, o primeiro de esquerda desde François Mitterrand em 1981, representa a esperança de muitos franceses em relação à luta contra o desemprego, a reconstituição de uma imagem mais positiva do País no mundo, a conquista de uma sociedade mais igualitária e a retomada dos valores em prol das minorias sociais, através da defesa das temáticas dos direitos dos homossexuais, das mulheres, dos imigrantes.

No entanto, a vitória de Hollande não representa uma sociedade majoritariamente orientada pelos valores de esquerda, mas, sobretudo, a atribuição de duas qualidades decisivas ao candidato do PS: vontade de mudança e compreensão. Enquanto 50% dos eleitores estimaram que Nicolas Sarkozy visava mudar realmente as coisas e 40% que o candidato à reeleição

compreendia os problemas das pessoas comuns, 61% viram essa capacidade de mudança em Hollande e 58% a qualidade de compreensão¹.

No primeiro turno, a esquerda reuniu menos de 40% do eleitorado, através da votação em cinco candidatos: François Hollande (PS) – 28,63%, Jean-Luc Mélenchon (Front de Gauche) – 11,11 %, Eva Joly (Europe Écologie Les Verts) – 2,31%, Philippe Poutou (Nouveau Parti Anticapitaliste) – 1,15% e Nathalie Arthaud (Lutte Ouvrière) – 0,56%. Isso significa que grande parte dos eleitores decisivos na vitória de François Hollande no segundo turno vieram do centro (eleitores de François Bayrou do Modem, que obteve 9,13% dos votos no primeiro turno) e da extrema direita (eleitores de Marine Le Pen do Front National, que conquistou não menos que 17,9% do eleitorado).

Portanto, antes mesmo ou sem ao menos portarem identificação com o programa e a campanha de Hollande, estes eleitores manifestaram-se pela saída de Nicolas Sarkozy (Union pour un Mouvement Populaire). Aliás, as etiquetas ideológicas têm sofrido intensas reorientações programáticas no país da Revolução de 1789 e a campanha de 2012 o evidenciou de maneira importante, assim como um notável fenômeno de ascensão do movimento de extrema direita: o Front National, desde o ano passado liderado por Marine Le Pen, que se articula com forças para as legislativas de junho deste ano.

Em primeiro lugar, o nacionalismo esteve presente na campanha de todas as vertentes que se apresentaram para as presidenciais, em maior ou menor grau. Sarkozy e Hollande, candidatos pró-União Europeia defenderam uma fortificação do papel da França no seio da instituição, evidenciando a necessidade da priorização da indústria francesa e da maior autonomia do país frente às decisões do bloco e da liderança alemã. Os candidatos extremistas de

¹ TNS Sofres / *Sopra group avec Sciences-Po Bordeaux, Grenoble et Paris* entrevistaram 1.521 Franceses inscritos nas listas eleitorais, domingo 6 de maio de 2012.

esquerda e de direita consideraram a União Europeia e a própria globalização verdadeiras ameaças à soberania nacional, defendendo o protecionismo e a revisão da política do euro.

Em relação à economia, outro tema fortemente evidenciado nas campanhas e decisivo nas escolhas dos eleitores, diferentes maneiras de lidar com a crise foram apresentadas pelos candidatos.

Para o Front de Gauche de Mélenchon, a proposta não era a retirada do Euro, mas a adoção de regras que interditassem as empresas de se deslocalizarem e despedirem empregados que trouxessem lucro. O candidato da extrema esquerda também previa a taxaço em 100% dos rendimentos superiores a € 34 000 por mês e a interdição de que o mais alto salário de uma empresa fosse superior a 20 vezes o mais baixo. Sua posição era contra a regra de disciplina orçamentária discutida na União Europeia.

A alternativa de Marine Le Pen (FN) era a saída do Euro e o retorno ao Franco, para aumentar as exportações. A adoção da nova moeda possibilitaria o controle da política monetária e o reembolso da dívida. Para a filha de Jean-Marie Le Pen, a luta contra o desemprego passaria pela luta contra a imigração. Sua proposta era o fechamento das fronteiras francesas, a ponto de reduzir a imigração legal de 200 000 a 10 000 ingressos por ano.

O MoDem, partido de centro-direita, colocou-se como fundamentalmente europeista, considerando primordial a disciplina orçamentária, o limite das despesas públicas e o não aumento dos impostos.

Já o candidato à reeleição, Nicolas Sarkozy (UMP), além de se colocar a favor da regra de disciplina orçamentária europeia, limitaria as despesas e favoreceria o reembolso da dívida a partir da criação de uma TVA (*Taxe sur la valeur ajoutée*) mais expressiva. Sarkozy pretendia baixar os custos das empresas

de forma a incentivar a criação de empregos. Em sua concepção, a exagerada taxação dos ricos seria prejudicial ao “esforço do trabalho” e mesmo os desempregados seriam obrigados a passar por determinada formação e a realizar algum tipo de trabalho durante 7 horas por semana, a fim de obterem o direito à assistência social.

Também integrados à União Europeia, o Partido Socialista e o Europe Écologie Les Verts visavam, contudo, a renegociação da regra de disciplina orçamentária, a fim de integrar um pacto de crescimento, visto que o rigor econômico por si só não apresentaria solução para a crise se objetivasse apenas a redução do déficit, pois sem crescimento a economia estagnaria. A proposta da esquerda foi a criação de postos na Educação e “*emplois d’avenir*”, ou seja, empregos de Estado, para redução do nível de desemprego. Os rendimentos acima de 1 milhão de Euros por ano deveriam ser taxados a 75% e o limite das diferenças de salário dentro das empresas estabelecido em até 20 vezes. As despesas seriam financiadas pelo imposto sobre os mais ricos e seria instaurada uma taxa sobre os rendimentos do capital a nível europeu. Por último, foi colocada a proposta de criação de um banco na França que financiasse diretamente as pequenas e médias empresas com taxas de interesse mais baixas que os bancos comerciais.

Em tempos de crise, os franceses votaram em massa (79,48% de participação) e apelaram, curiosamente, para os extremos: o Front National (17,9%) e o Front de Gauche (11,1%), sendo que a extrema direita conseguiu se beneficiar com louvor da angústia da população.

No segundo turno, os posicionamentos se radicalizaram ainda mais entre os dois candidatos, do PS e UMP, levando em conta os altos escores obtidos por Marine Le Pen e Jean-Luc Mélenchon. Enquanto a candidata do Front

National e Dupont-Aignan reviram as costas a Hollande e Sarkozy, afirmando que ambos pertenciam ao mesmo sistema (convidam, então, ao voto branco), Mélenchon, Philippe Poutou, Eva Joly e Jacques Cheminade convocam os eleitores a votarem contra Sarkozy desde a noite do primeiro turno – e, então, a favor de Hollande.

Como o centro obteve desempenho relativamente fraco, chegando apenas à 5ª posição, Nicolas Sarkozy opta pela radicalização de seu discurso e pela apropriação das propostas do FN – sobretudo a redução da imigração -, retomando o discurso sobre “o trabalho” que o trouxe a vitória em 2007.

Durante as duas semanas que separaram os dois turnos das presidenciais de 2012, o UMP realizou campanha pela limitação da imigração, pela revisão do acordo Shengen, contra a proposta de direito ao voto dos estrangeiros não provenientes da União Europeia nas eleições locais² e contra o direito dos homossexuais. Os dois últimos temas foram, de forma conflitante, assumidos como bandeiras pelo Partido Socialista. Hollande opta pela estratégia de permanecer na proposta de mudança e progressismo, afirmando a manutenção do programa de governo tal qual apresentado desde o início da campanha.

De forma aparentemente lógica, após as duas semanas de campanha, entre os eleitores de Hollande a prioridade atribuída ao País se evidenciou na luta contra o desemprego (53%), no aumento dos recursos destinados à Educação (41%) e na redução das desigualdades (31%). Para os eleitores de Nicolas Sarkozy, as prioridades foram a redução da dívida e dos déficits (49%), a luta contra o desemprego (44%) e a luta contra a imigração clandestina (30%)³.

² A proposta de direito ao voto aos estrangeiros destina-se àqueles que residem legalmente há pelo menos dez anos na França.

³ TNS Sofres / Sopra group avec Sciences-Po Bordeaux, Grenoble et Paris entrevistaram 1 521 Franceses inscritos nas listas eleitorais, domingo 06 de maio de 2012.

A arriscada estratégia do candidato à reeleição que visava abordar os eleitores da extrema direita e assim multiplicar os votos para o segundo turno acabou se constituindo em uma situação em que o “feitiço virou contra o feiticeiro”. Diante dos discursos de Nicolas Sarkozy, determinadas personalidades da direita tradicional se mostraram preocupadas com a “estigmatização dos estrangeiros”.

O golpe final foi dado pelo centrista François Bayrou que, logo após o debate televisivo veiculado em 02 de maio, apesar de ser economicamente mais próximo de Sarkozy, anunciou o voto pessoal em François Hollande, marcando a rejeição aos discursos do então presidente, considerados por Bayrou como vinculados à extrema direita. O líder do MoDem afirma, desde então, que deixa a liberdade de escolha de voto aos seus eleitores em função de seus valores e engajamentos pessoais.

É possível perceber que, entre as decisões dos eleitores franceses houve uma motivação em escolher um projeto, mas também uma intenção de rejeição muito forte (50% dos votos em Hollande representavam uma rejeição a Sarkozy e 50% dos votos em Sarkozy eram na verdade contra Hollande⁴). Assim, é interessante analisar as motivações dos eleitores em votar em Hollande e em Sarkozy e verificar como se configurou a migração do voto entre os dois turnos, de forma a compreender o posicionamento da sociedade francesa.

Ao analisar a migração do voto do primeiro para o segundo turno, constata-se que a esquerda se uniu contra Sarkozy (74% dos eleitores de Mélenchon votaram em Hollande) e que o candidato do UMP não obteve o sucesso esperado entre os eleitores da extrema direita (apenas 58% dos eleitores

⁴ TNS Sofres / Sopra group avec Sciences-Po Bordeaux, Grenoble et Paris entrevistaram 1 521 Franceses inscritos nas listas eleitorais, domingo 6 de maio de 2012.

do FN votaram em Sarkozy, sendo que geralmente essa transferência de voto gira em torno de 65%) e nem entre os eleitores do centro (40% votaram em Sarkozy e 28% em Hollande).

Após a eleição de François Hollande, a população se mostra preocupada e a pequena diferença entre os resultados dos dois candidatos no segundo turno comprova que Hollande terá um grande desafio pela frente, notadamente por se apresentar como “o candidato da mudança”. Enquanto a eleição de François Mitterrand em 1981 ocasionou uma queda de 14% na bolsa de Paris, nenhuma variação se deu no dia seguinte aos resultados das últimas eleições.

No entanto, o contexto atual é outro: é a política europeia e não mais apenas a nacional que está em jogo. Na noite em que François Hollande foi eleito, a Europa tremeu frente às legislativas gregas, que possibilitaram a entrada de neo-nazistas dentro do parlamento, mas, sobretudo, devido à perda de importantes maiorias por parte dos partidos pró-europeus. Devido a essas ameaças, os índices das bolsas de toda a Europa caíram.

Diante do clima agitado, se inicia a campanha para as eleições legislativas na França, que ocorrerão nos dias 10 e 17 de junho: se os franceses elegeram François Hollande ao invés de manterem Nicolas Sarkozy no poder, cabe agora a cada partido a prova de qual projeto é o melhor, guardando no espírito o bom entendimento entre a França e a Alemanha.

De fato, os projetos de cada candidato, apresentados nas reuniões, debates e propagandas de campanha, só são viáveis se o partido obtém maioria na Assembleia Nacional. Se os franceses têm em mente que François Hollande pode mudar as coisas e se afirmar como uma personalidade “normal”, capaz de compreender seus problemas, o presidente eleito deverá provar que é capaz de

gerir a situação especialmente difícil pela qual passa a França e a Europa; e de representar devidamente os interesses dos franceses.